



E de manhã, quando você acordar (Para Rosely Roth¹)

Ivy Judensnaider*

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) | São Paulo, Brasil
ivy.naider@gmail.com

Nunca falei sobre ela, mas sempre escrevi sobre ela e para ela. Jamais a chamei pelo nome, e todas elas – as que eu criei para falar dela – viraram Noemis. Mais à frente, criei novos nomes, e assim nasceram as Anas (muitas), as Elisás, as Claras, as Deboras, as Estelas e as Célias. No início, para escondê-la; depois, quando ela partiu – e àquele momento, eu já era capaz de entender o mundo que ela havia tentado me explicar – mantive as Noemis como forma de guardá-la para mim, e apenas para mim.

Judias, corajosas, destemidas, revolucionárias, inconformadas, inteligentes, misteriosas: assim eram minhas Noemis. Não eram de ninguém, nunca haviam pertencido a ninguém e jamais pertenceriam a quem quer que fosse. Talvez porque eu não soubesse o que fazer com os sentimentos que eu nutria por ela(s), o fato é que as minhas Noemis sumiam no horizonte como miragens. Às vezes, de forma serena; outras, como heroínas; em algumas poucas (pouquíssimas) ocasiões, em silêncio. Jamais para sempre. Elas ressurgiam a cada instante, qualquer que tivesse sido o motivo da morte, mesmo que preferissem descansar ou tivessem desistido de viver. Por minha causa, elas voltavam. Elas sempre voltavam, amigas e parceiras de outras-com-outros-nomes, essas outras talvez partes das mulheres que eu sempre desejara ser.

As outras-com-outros-nomes inspiravam-se nas Noemis; em oposição à força das Noemis, tremiam, frágeis e vulneráveis; ao contrário da resistência das Noemis,

¹ Rosely Roth (1959 – 1990) foi uma importante ativista em defesa dos direitos da comunidade lésbico-feminista. Nascida no seio de uma família judia de São Paulo, cursou o ensino fundamental na escola Scholem Aleichem, no Bom Retiro; depois, já no período de derrocada do regime militar, estudou no Colégio Equipe, famoso reduto do pensamento de esquerda. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aprofundou seus estudos nas áreas da Filosofia e da Antropologia. Em 19 de agosto de 1983, participou do levante no Ferro's Bar, promovendo a visibilidade da comunidade lésbico-feminista e a circulação de um jornal em que eram debatidos temas fundamentais para o movimento. Nos anos finais de sua vida, sofreu com sucessivas crises emocionais que acabaram por levá-la ao suicídio. O dia da invasão ao Ferro's Bar tornou-se marco comemorativo da sua vida, do seu trabalho pela comunidade LGBT e do orgulho lésbico-feminista.

* Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas e Professora da Universidade Paulista.



jogavam a toalha no chão e se conformavam. Estavam sempre juntas, as Noemis e as outras-com-outros-nomes, e raras vezes escrevi apenas para umas, esquecendo as outras: na ausência de umas, talvez as outras não existissem ou não fizessem sentido. Nunca dei quaisquer detalhes sobre as Noemis. Difícil descobrir qualquer coisa, se loiras ou morenas, se magras ou gordas. Evitei, sempre evitei falar da pele branca, dos cabelos pretos, das pernas longas, do andar curioso, do corpo pendendo para a frente como se algo pesasse ou incomodasse, dos pés fazendo o chão chorar. Jamais, jamais mencionei os seios cheios que, um dia, avistei de relance quando entrei no quarto sem bater à porta.

Tampouco falei da cor dos seus olhos: não lembro. Acho que nunca reparei; talvez nunca tenha tido coragem de olhá-los diretamente. Sei do que ela me disse a respeito de beijar os olhos de alguém e ter seus olhos beijados por esse alguém: se não estou confundindo realidade com desejo, ela beijou os meus, com carinho, na única vez que tocamos uma na outra.

Sei da nossa amizade. Éramos próximas, tão próximas quanto meninas de dez a quinze anos conseguem ser. Chegávamos mais cedo ao velho prédio na Rua Três Rios para que, naqueles poucos minutos antes do início das aulas, pudéssemos conversar em paz: dávamos voltas pelo quarteirão, ora comentando uma nova loja de comida judaica, ora reclamando dos buracos nas calçadas. Aquele quarteirão era nosso. Reinávamos, embora ninguém soubesse das nossas coroas ou súditos. Sabíamos de qual lado viriam os carros, da sinagoga, dos judeus de capote preto, das janelas dos prédios, dos jardins dos prédios onde moravam as famílias que acendiam as velas no Shabat e jejuavam em Yom Kipur. Jamais quisemos avançar na direção dos outros quarteirões – o que tínhamos era o suficiente.

Estudávamos idishe e cultura judaica, e nunca conversamos sobre isso. No luto pela morte da sua mãe, os espelhos da casa foram cobertos com panos brancos, e nenhuma de nós duas achou necessária qualquer explicação. Ela sofria, mas não falamos sobre a dor daquela morte, naquele momento ou nos anos posteriores.

Recordo, e jamais esquecerei: durante as voltas pelo quarteirão, ela pedia para que eu jamais tivesse medo, que não aceitasse ordens ou regras com as quais eu não concordasse, que não abaixasse a cabeça, que não permitisse ser humilhada. Eu não era obrigada a usar sapato com salto alto apenas para satisfazer minha mãe, não tinha obrigação alguma de fazer as unhas aos sábados, não devia me sentir compelida a alisar os cabelos, tão encaracolados, não tinha que aceitar que meu namorado me forçasse a beijá-lo como se adultos fôssemos: eu devia viver de acordo com o meu próprio tempo e meus próprios termos. Se eu queria fazer batmitzvá (e ela balançava



a cabeça, desolada), que lutasse por isso; se eu queria ir para Israel (e, de novo, ela balançava a cabeça, desoladamente), que fosse.

Nossa escola havia sido construída por judeus comunistas, socialistas, trotskistas e stalinistas: sobreviventes dos pogroms da Europa Oriental, expulsos de seus países, perseguidos e ameaçados, eles queriam construir, nos trópicos, as embarcações capazes de resistir às tempestades e aos monstros marinhos da intolerância e do antissemitismo. Nós, alunos, forneceríamos o material no qual seriam forjados os judeus comprometidos com a luta contra a desigualdade social e a exploração dos trabalhadores. Sabíamos: o destino das embarcações não dependeria dos engenheiros que as construiriam, tampouco das pessoas que colariam tábuas e vergariam troncos. Nossa viagem dependeria apenas da qualidade da madeira com a qual fossem construídos os barcos e os navios: ela determinaria nossa vitória sobre os oceanos e sobre as grandes ondas, ela nos faria sobreviver às mudanças bruscas de tempo e à solidão das noites escuras. Minhas Noemis eram construídas com os cepos mais resistentes e, tal como ela – a Noemi que eu procurava manter em segredo – sempre seriam capazes de chegar ao porto em segurança.

Durante anos, afirmei: vimo-nos, pela última vez, na frente do prédio dos meus pais, durante o carnaval, no Bom Retiro, eu empurrando o carrinho da minha filhinha bebê. Em algum momento, percebi a impossibilidade matemática: minha filha nasceu em 1991. Depois, reconsiderarei: naquele carnaval, eu estava grávida e havíamos conversado sobre os meus enjos. Impossível também: devo ter engravidado em janeiro de 1991, alguns meses depois de sua partida. Minhas lembranças, talvez, estivessem a revelar mais sobre o passado que eu gostaria de ter vivido do que o passado propriamente dito, se é que podemos determinar com certeza qualquer coisa do passado.

Fato: fui até a sua casa, em 1983, para convidá-la para o meu casamento. Ela mostrou o jornal que estava escrevendo em defesa do movimento lésbico-feminista, falou de como era necessário combater a invisibilidade, de como era importante instruir a comunidade lésbica sobre os cuidados com a saúde. Perguntou sobre o meu futuro marido e me alertou: o que tingira de sangue a história da humanidade não tinha qualquer relação com os conflitos entre capital e trabalho; do ponto de vista histórico e moral, o problema sempre havia sido a opressão das mulheres pelos homens. Insistente, quis saber se eu tinha certeza do que estava fazendo; balançando a cabeça (desolada), duvidou. Ela sabia que eu não sabia, e eu não sabia quão importante ela se tornaria nos anos seguintes, combatendo a homofobia, dando entrevistas para a imprensa e para a televisão ou invadindo o bar que tentava impedir que o seu jornal fosse vendido entre as clientes.



Fato: nos vimos pela última vez em algum momento entre 1983 e 1990. Ela estava mais curvada do que o usual, os pés arranhando o chão com mais força. Parecia distraída ou desinteressada. Acho que sorriu ao me ver (quero acreditar). Falou que estava morando em um hotel na Rua Prates. Não queria conversar e eu a deixei partir em direção ao Jardim da Luz. Penso nisso sempre, nesse rastro de luz que ela deixou, no silêncio que havia se instalado entre nós, ou entre ela e o mundo. Sempre escrevi para ela e sobre ela: as Noemis permitiram que eu sublimasse o sofrimento causado pelo seu salto para o infinito e pela ausência de qualquer pedido de ajuda.

Da nossa história, tenho as palavras escritas por ela para mim, numa carta, há quase cinquenta anos: “de noite, ao sentir necessidade de alguém, olhe para o céu e tente me achar em alguma estrela. E de manhã, quando você acordar, abra a janela e deixe o azul do céu pintar você por dentro. Daquela que te ama muito”. Dela, e da nossa história (cuja narrativa só pertence a nós duas), sei do imenso amor que sentíamos uma pela outra.

Por ela, e para ela, será realizada uma homenagem no Museu Judaico, coincidentemente (ou não) próximo ao bar que um dia ela invadiu. Por ela, para ela, olho para o céu na vã esperança de conseguir perdão pelas palavras que eu devia ter dito, e jamais disse. Por ela, e para ela, de manhã, quando acordo, peço para que o azul do céu pinte a nós todas – Anas, Elisás, Claras, Deboras, Estelas, Célias, Danielas e Reginas – inteiras, por dentro.

Recebido em: 23/02/2022.

Aprovado em: 23/03/2022.